

# OS OLHARES (RE)LANÇADOS SOBRE O TRABALHO PEDAGÓGICO À PARTIR DA PANDEMIA DO COVID-19

---

**ROSIANE MARIA BARROS SANTOS**

Mestre em Educação (UFAL), [ralunos@hotmail.com](mailto:ralunos@hotmail.com);

**ZOROASTRO PEREIRA DE ARAÚJO NETO**

Doutorando em Linguística (UFAL), [zoroastro.neto@hotmail.com](mailto:zoroastro.neto@hotmail.com)

**ROSELY MARIA MORAIS DE LIMA FRAZÃO**

Especialista em Pedagogia Social e Gestão de Projetos Sociais (UNOPAR), [roselyfrazao3@gmail.com](mailto:roselyfrazao3@gmail.com).

## RESUMO

As análises e reflexões aqui propostas sugerem um olhar aguçado e revisitado sobre a questão formativa do profissional docente, pautadas nos desafios já existentes nos processos de ensino e aprendizagem e nos contextos socioculturais que constituem o panorama pedagógico, atenuados durante o recorte temporal delineado pelas limitações e imposições no período da pandemia do Covid 19 que, nos idos de 2020/2021 propôs um (re)fazer por entre os fazeres docentes, colocando em pauta a relação da prática docente e da identificação do professor no exercício de sua função. Assim, este estudo aportasse em CUNHA (1999), LOPES (2002), SAVIANI (2004), TARDIF (2002) entre outros junto a um questionário estruturado com o fim investigativo de compreender tanto a concepção pedagógica vigente advinda do grupo discente envolvido, quanto as perspectivas formativas, partindo da hipótese de que para muitos educadores, ainda existe a esperança de que seu trabalho venha ganhar um status diferenciado, atrelado a um respeito que a educação merece ter, apostando num reconhecimento social de que, ao lidar com pessoas em formação as famílias e o contexto social reconheçam a parcela de importância no trabalho do professor. Deste modo, o constructo da formação do ser professor em um paralelismo entre optar e estar na profissão, as expectativas e idealizações sob o olhar do estudante de pedagogia para a profissão escolhida, os desafios impostos a profissão docente no enfrentamento em um misto de contradições e resistências e o limiar da formação docente sob a provisoriedade da realidade pedagógica são algumas das veredas deste percurso de pesquisa.

**Palavras-chave:** Profissão docente, Pandemia do Covid-19, Formação/Atualização docente, Desafios profissionais.

## INTRODUÇÃO

O período pandêmico vem agindo como um descortinador da prática do professor e sua intencionalidade pedagógica desde o momento que optou pela docência, transparecendo as identificações positivas ou negativas em relação ao trabalho, assim como a afinidade, expectativas e concepções de sujeito que pretende formar.

As necessárias implementações no fazer docente demandadas pela pandemia do Covid-19 que, antes mobilizado por um trabalho em sala de aula, longe da família, necessitou ser revisto, reavaliado, dinamizado e colocado para apreciação por toda família de modo síncrono, pois a sala de aula migrou para as residências e a metodologia, o planejamento e a identificação com o que se faz foi estampado nas telas.

Deste modo, as práticas docentes demonstraram como a educação estava sendo trabalhada nas salas de aula, e a partir daí, a escola e os professores em sua maioria passaram a serem vistos de formas diferentes, seja com mais respeito pelo trabalho proposto, com mais cautela ou ainda com mais conflitos, considerando a mobilização do professor para ministrar suas aulas, porém os deslizos não foram perdoados e, para aqueles que estavam, mas não se faziam presentes na profissão dificultou seu espaço nas escolas, pois as reclamações foram desde a forma como o filho era tratado, perpassando às palavras ditas de forma errôneas ou verbos mal conjugados e os vícios de linguagens dos professores que foram implacavelmente colocados à apreciação dos diretores pelos pais, até a metodologia aplicada durante o momento remoto.

Mediante este recorte, o presente estudo questionou um grupo de futuros professores, estudantes do quinto, sexto, sétimo e oitavo períodos do curso de pedagogia de uma instituição particular situada no estado de Alagoas, por meio de um questionário estruturado para compreender suas angústias, medos, opção e entrega à profissão abraçada e em vias de conclusão.

Os questionamentos partem da escolha da profissão e seu processo de construção de identidade docente, da prática que vem sendo colocada para eles enquanto estagiários e os enfrentamentos com situações novas decorrentes do Covid-19, que fez com que o professor se distanciasse corporalmente da sala de aula, para manter-se virtualmente e com isso, reconfigurasse a sua atitude pedagógica em novas ações e possibilidades de

ensino. Contudo, a efeito de uma recomposição na formação docente, Lopes (2002, p.37) aponta uma preocupação com a educação: “(...) é um processo social em que transformações podem ser geradas” e para tanto o professor não poderá considerar sua profissão estática, mas em constante transformação e a disponibilidade para emergir nesta dinâmica deve estar implícita no perfil do educador.

Neste ínterim, ao analisar os efeitos da tecnologia na prática dos professores será um dos pilares desta pesquisa, pois em meio a um contexto mediado pela ferramenta tecnológica, é imperioso considerar que alguns docentes poderão desistir pelo fato de não terem afinidade/propriedade com o maquinário, além da falta de suporte que poderá ocorrer nas instituições escolares, desde a inexistência de cursos de formação tecnológica, que possibilite uma melhor intimidade do professor com a ferramenta à necessidade de adquirir computadores e/ou celulares que possam viabilizar o suporte salutar ao trabalho remoto, mesmo sem condições financeiras para tal.

Assim sendo, todo esse universo docente traz aos professores conflitos, contudo não se pensou no salário deste profissional e na sua valorização. O foco principal parece pairar sobre os danos que a pandemia poderá causar em termos de prejuízos financeiros aos empresários da educação.

Já, ao se tratar de escolas públicas, os problemas de notório saber apontam para a falta de equipamentos do professor/aluno, a relação do professor com a máquina, a comodidade pedagógica e a falta de criatividade que move o trabalho de alguns professores, esbarrando na perspectiva eminente de uma reinvenção pedagógica e o sofrimento psíquico em torno deste refazimento identitário na profissão, gerando assim doenças e desistências e hoje lidando com uma insatisfação velada, pelas desistências, não ditas, mas que poderão fazer parte da trajetória de vida profissional de dados docentes.

Neste panorama, há de se considerar também os prejuízos que podem ser causados aos estudantes que em nada se relacionam com a sua falta de opção profissional e suas desistências, transformando a docência em mesmismos retrógrafos que pouco ou nada irão influir na formação destes estudantes. Pois, desacreditados em sua função, podem os professores deixar marcas negativas na formação do estudante, pois sua autoridade lhe remete o direito de rotular, e fornecer imagens personificadas do outro espelhado em suas insatisfações profissionais.

## METODOLOGIA

Por meio das afirmativas enviadas via questionário estruturado, percebe-se algumas respostas preocupantes na construção do perfil do docente, pois dentre os profissionais pesquisados encontra-se discentes que ao acaso foram construindo sua formação, em virtude de que a escolha profissional não teria sido sua primeira opção. Dentre os vinte e dois entrevistados, analisa-se que doze não se encontram na profissão por opção, enquanto dez colocaram a profissão docente como primeira opção.

Desta maneira, estar na profissão sem uma identificação, produz uma identidade resistente, pelo percurso de construção de uma formação não fazer relação com a identificação profissional e isto já é suficiente para não ocorrerem aprendizagens significativas, pelos conteúdos repassados não irem ao encontro com o desejo de aprender, considerando que o profissional professor constrói saberes referentes a sua prática e isto precisa estar bem definido no momento da formação, pois envolve o querer estar na profissão, para o tornar-se professor.

Assim, parece controverso à profissão quando um futuro profissional adentra nas salas de aula do curso de Pedagogia com a mentalidade nas seguintes perspectivas, conforme responderam alguns entrevistados: “*Pensei em primeiro ser administrador de empresas*”, “*A minha primeira opção foi assistente social*”, “*o que me motivou foram as colegas de trabalho*”, as declarações denotam que muitos deixaram seus sonhos para trás para seguir a profissão docente e a nossa preocupação se dá nas tessituras de formação em que estes futuros educadores estão se conduzindo.

Apoiam-se, em sua maioria, estes profissionais não correlatos a sua profissão, em discursos inverídicos no seu fazer docente, que se justificam por ter tido um início no nível do indesejável. Uma vez que o futuro docente, na pesquisa declara que não queria ser professor, porque “*tinha sonho de ser pediatra, cai de paraquedas em sala de aula e fui buscar me especializar fazendo formação superior*”. Convidado ao acaso para ser professor, terão na sua formação que serem chamados a uma reflexão sobre as razões em estar na profissão, porque a sua trajetória dará sinais de incompatibilidade pedagógica.

Porém, ao questionar o discurso de um professor que coloca em entrevista que “*queria ser medico pediatra*” ou que “*anteriormente cursava zootecnia, mas tinha o ensino comigo. Fui influenciada por uma conhecida que é professora.*” Em uma tentativa de fazer da docência um jogo de erros

e acertos, desconsiderando que precisam ter o compromisso com as pessoas em formação, pois receberão as influências deste profissional. Em meio a esta perspectiva de aceitação irrefletida nas consequências do ato de lecionar que Cunha (1999, p.127) vem colocar que “a crise que assola a educação formal tem profundas repercussões na definição do papel docente, em sua conformação e expectativas” e neste modelo a função docente segue nos descaminhos do verdadeiro ato do que seja educar.

Tardif (2005, p.16) coloca em relação ao trabalho do professor que “um primeiro fio condutor é que o saber dos professores deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho deles na escola e na sala de aula.” então como explicar um professor que atua em descompasso com sua verdade profissional, é fazer da profissão docente uma repetição de práticas angustiantes pelo sentimento de obrigação e acomodação.

Neste ínterim, diferentemente de posturas mais consistentes em torno da escolha da profissão ao alegar que optaram pela docência por estarem conectados a esta prática de doação e aprendizagens constantes. Os entrevistados se colocaram em relação a escolha da profissão que “sempre quis fazer”, “*O interesse em cursar pedagogia surgiu de uma experiência que participei como professora de escola bíblica da igreja, eu tinha prazer em ver meus alunos aprenderem e sempre gostei de elaborar dinâmicas ,jogos que faziam parte dos meus ensinamentos*”, “*que desde criança eu sonhava em ser professora*” e que “*desde estudante sempre fui encantada com a profissão*”.

Diante disto, percebe-se além da identificação com a profissão que algumas vezes também perpassa pela escolha da profissão à questão religiosa, uma situação que acompanha o docente, desde que as mulheres entraram nas salas de aula para lecionar com crianças, através das ordens religiosas no Brasil, dando status as famílias das moças que abraçavam a nobre missão de educar as crianças. Deste modo, enfatiza-se também as tradições familiares que impulsionam ao exercício da função e o rótulo que as futuras docentes receberam desde cedo, carregados de compromisso e responsabilidades por avós e tias professoras, como se o ser docente precisasse de uma herança genética para justificar as escolhas.

A profissão docente parece passar por uma crise de identidade que invade as salas de aula nos cursos superiores, quando os estudantes colocam sua aspiração a partir da conclusão do curso. Dos vinte e três entrevistados, cinco colocam sua intenção em ser gestor de escola, eximindo-se assim de um propósito de construir sua formação a partir da sala de aula. Suas declarações deixam explícito ao colocarem que “*Ser um gestor e administrador*

*escolar, ou seja, ter minha própria escola”, “Formar-me e especializar-me em Gestão pedagógica aproveitando os conhecimentos absorvidos na graduação”, “ Pretendo ser diretora, sempre quis”, “ Pretendo atuar na gestão escolar ou até mesmo no ensino superior”. Ainda colocam os futuros professores, o desejo em adentrar na pedagogia empresarial, através de um prática em hospitais, ao alegarem que “Espero trabalhar em hospitais como pedagoga hospitalar”.*

Este possível desligamento do educador sala de aula precocemente, ou seja mesmo antes da conclusão da formação inicial reflete os problemas que dela advém indo desde a aprendizagem da criança, a questões de educar os filhos dos outros, fazendo-se as vezes da mãe ou pai, pela necessidade que os responsáveis pelas crianças tem de repassar funções suas sob a alegação de que estão pagando para tal, no caso de escolas particulares e nas públicas alegam os pais que o professor é remunerado para isso.

Esta conduta, interfere na atuação docente que tende a ir em busca de novos fazeres como nos diz a entrevistada: *“Que eu consiga adquirir conhecimentos para exercer na profissão , buscar novos conhecimentos em outras aéreas que a pedagogia aborda a exercer , como por exemplo Marinha”.* Eles apontam aportes que os ajudem a transitar na profissão sob novos prismas.

Aceitam os futuros professores os desafios impostos almejando uma profissionalização que lhes torne competitivo, a fim de adentrar com maiores chances no mercado de trabalho, por entenderem que curso superior não garante vaga de emprego colocados pelos entrevistados em relação as profissionalizações que precisam fazer uma :*“Busca de conhecimento na área de atuação”, “ Estou muito satisfeita com a possibilidade de cada vez mais melhorar o meu conhecimento no desenvolvimento da aprendizagem” Me tornar uma grande profissional com uma visão em atuar no ensino fundamental anos iniciais, com capacidade em exercer a função da maneira mais qualificada” e “Espero concluir o curso e sempre buscar me profissionalizar, e trabalhar sempre na área da educação”,* as profissionalizações são expectativas constantes, para oferecer um trabalho de qualidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática docente historicamente foi alvo de críticas e rotulações de que se tratava de uma profissão de menor valor, regulada por sua trajetória percorrida desde o surgimento. Ao se refletir à luz dos processos educativos através dos tempos percebe-se algo que corrobora com Saviani et al (2004, p.3) “herdeiros de um sistema educacional, que apesar da reconhecida

importância no mundo social, ainda não conseguiu se alicerçar eficazmente”. Neste reconhecimento, pode-se interpretar a educação a partir de uma tessitura de falta de reconhecimento sob a da profissão docente como algo que é histórico. Alegam os professores entrevistados que os desafios repousam na valorização conforme foi colocado *que*: “*Meu maior desafio é o não reconhecimento dessa profissão indispensável para a formação de todo cidadão*”, “*A desvalorização do profissional e atual relação com os alunos*”, “*Falta de interesse dos estudantes Dificuldade de comunicação com pais, responsáveis e alunos. Redução do tempo para planejamento das atividades. Existência de indisciplina.*”

Decorrem daí muitas desistências de futuros professores, que se apoiam neste tracejamento em que a profissão se constituiu, a partir da “(...) baixa origem social, que determina metas modestas” (SÉRON,1999, p.49) e sob este entendimento o afastamento e a escassez de procura para o magistério se amplia a cada dia. Não apenas sob este paralelo transitam as desistências do professor, mas sob as inversões de valores pelas quais a escola passa, a partir da visão que as famílias possuem da escola, vindo a solicitar do professor um controle de situação que deveria ser seu, em relação as questões afetivas indo até “o controle das tarefas escolares” (CUNHA,1999, p.128), este fenômeno está respaldado pela saída mulher de casa para adentrar no ambiente de trabalho e por conseguinte passa a escola a ser mais que sua parceira na educação das crianças.

Assim, ao assumir o ofício com tamanha responsabilidade como os professores podem ser alvo de negligências reconhecidas socialmente, e se acreditar que o ofício de ser professor possa ser atribuído a qualquer sujeito, sob a interpretação de que basta conhecer o conteúdo para trabalhá-lo. Outros fatores relativos ao trabalho do professor são discutíveis possibilitando novos conceitos no qual a docência é exercida, como “a falta de recursos materiais e as condições de trabalho limitadoras da atuação docente, o aumento da violência nas instituições escolares e o esgotamento docente perante o acúmulo de exigências que recaem sobre o professor” (VILLA,1998, p.19).

Esta problemáticas vem afetando o trabalho do professorado e promovendo desistências pela perda da crença da melhoria da profissão, são estes modelos de trabalho docente que estão afastando a entrada de novos professores, acrescenta Villa(1998), que as circunstâncias pelas quais o professor hoje exerce sua função, que vem recheada de angústias e inseguranças tem provocado somatizações orgânicas transformadas em doenças como ansiedades e depressões e, sob tal perspectiva os abandonos, afastamentos e



desvios de funções são consequências irrefutáveis, perde com isso a docência, e os bons profissionais.

Este pensamento social recorrente coloca a profissão sob o prisma da fragilidade e perda valorativa que abrange o pessoal, profissional e financeiro, como se ficasse velado socialmente que os menos favorecidos financeiramente e intelectualmente fossem os candidatos a docência. Respaldados pelo sentimento de que “(...) dado que os professores, diferentemente dos profissionais liberais, não podem escolher nem selecionar sua clientela, nem sua clientela pode escolher seu professor” (SÉRON, 1999, p.56), perpetua-se dentre os educadores o enfoque de que a menos valia a que são submetidos transforma-se em condição e normalidade, entendida como dado histórico e que se perpetuará desta forma, assim, é o conformismo margeando a vida os profissionais da educação.

Um outro obstáculo que tem levado professores a desistência se concentra na questão salarial em que o leque remunerativo deixa a desejar, além do excesso de trabalho, pois o professor não exerce sua função apenas na escola, mas estende a sua casa a partir dos planejamentos, novas atividades, correções de prova e trabalhos, pesquisas, visto ser necessário estar sempre buscando inovar para atrair o estudante, o que o leva a transitar entre o cansaço e o frenético para atender a demanda que lhe é atribuída. Sob esta perspectiva em que o professor vive assoberbado de trabalho a remuneração não se percebe compatível com estes excessos e queixam-se os professores sobre a disposição em *“enfrentar uma carreira que hoje é tão desvalorizada”*.

Somados a isso, surge a questão da responsabilidade, em que professores imersos em compromissos com as famílias que hoje transferem para as professoras sua responsabilidade no tocante a educação de base familiar, daí cobram-se dos professores posicionamentos e tomadas de decisões, que deveriam ser das famílias, mais uma competência para o professor lidar, prejudicando seu real trabalho na escola.

Cunha (1999, p.127) coloca que “(...) o professor é hoje, posto em cheque, principalmente por sua condição de fragilidade em trabalhar com os desafios da época”, dentre os desafios nossos entrevistados e futuros professores chamam a atenção para *“a escassez dos recursos ofertados, “a grande influência familiar na atuação do profissional em sala de aula”, e a valorização profissional”*.

Disto, decorrem as crises de identidade, que movimentam freneticamente a formação do docente que se incomoda com as transformações as

quais desestabilizam com sua prática já posta. E o desestabilizar incomoda, porque exige uma mobilização do professor em realizar a mudança, e ressignificar modelos já postos no trabalho e é preciso querer estar na profissão, envolvido com o que faz para se dispor a tais mecanismos motivadores das reformulações.

Preparar professores para ação pedagógica, neste contexto, é também enfrentar o rompimento de paradigmas de acabamento, pois a provisoriamente do sujeito é constante, nunca se está pronto e acabado, mas em constante movimento de formação, o formar-se um vir a ser na vida do educador, que se pretende inovador e dentro de contextos atuais. Neste continuum de flexibilidade pedagógica é possível compreender que os motivos alegados ao enfraquecimento da categoria repousa em pretensas maneiras de lidar com a profissão sob o rótulo de acabamentos e certeza.

Entender esta inconstância é saber que o aluno sofre influência do meio e por isso está em formação permanente. A extensão da universidade, se alinha ao tripé, que pretende corroborar com a formação, o contato do estudante com a realidade traduz-se sob a perspectiva social, por oportunizar o estudante a levar para sociedade os frutos do ensino ministrado em sala de aula e oferecer a comunidade situações que só a extensão seria capaz de oportunizar.

Mas é necessário que o estudante de pedagogia entenda as fraquezas de uma comunidade para agir dentro de uma compreensão que respeite os limites de cada sujeito, evitando-se o egocentrismo e os desejos de cada um, como se a realidade fluísse em acordo com sua vontade e para tanto nos diz Morin (2002, p.97) que “(...) o mundo dos intelectuais, escritores ou universitários, que deveria ser mais compreensivo, é o mais gangrenado sob o efeito da hipertrofia do ego, nutrido pela necessidade de consagração e glória”, por isso os discursos do poder de um estudante de pedagogia devem possuir um melhor nível de compreensão, com seu público alvo para romper com os obstáculos que a vida impõe a este público.

Trazer a realidade para dentro da sala de aula auxilia na formação e conforme nos diz nosso entrevistado *“se aproximam ou estão dentro da realidade que vivenciamos a cada dia, a cada instante, pois as vezes ou sempre as abordagens que se distanciam da realidade que estamos vivendo e que vamos encarar, nos fazem perder o encanto pela profissão.* Isto vem a ratificar a necessidade de formar o estudante a partir de situações concretas, pois só a realidade é capaz de ampliar sua visão, retirando do aluno a venda que camufla o que verdadeiramente acontece em sala de aula.

Agindo como formador a partir da realidade e retirando o estudante do senso comum iremos sem dúvidas realizar o que nosso entrevistado coloca, em relação a seu preparo profissional ou seja o de ser *um “mediador da aprendizagem, participar ativamente do processo de aprender, incentivando a busca de novos saberes, sendo detentor de senso crítico, conhecendo profundamente o campo do saber que pretende ensinar, além de ser capaz de produzir novos conhecimentos, por meio da realidade que o cerca.”*; seria a “Aplicação na prática daquilo que está presente nos documentos legais”. Seria transmutar para os futuros educadores “*Abordagens com mas práticas que nos ajude a colocar em prática na nossa sala de aula*”.

Para tanto, Veiga (1999) entende que:

a formação profissional de professores surge, assim, como um processo de responsabilidade simultânea, desenvolvendo lógicas de cooperação. Nesse processo, o aluno-professor educa e é educado pelo coletivo, mediante sua ação e a ação dos campos formativos. (VEIGA,1999,p.183)

É um privilégio para os futuros professores serem formados neste modelo que privilegia a extensão como mais um momento para formação, pois eles irão fazer o contraponto do que é visto em sala de aula com o que percebem fora dela, para ampliar e refazer sua construção de identidade docente, desmistificando pré concepções, adotando novos mecanismos técnicos diante da realidade como se mostra a partir de análise individual. Esta formação irá se desenvolver sob a lógica do real e isto contribuirá com uma ação pedagógica que vai além da teoria, aproximando-se de situações concretas.

Ao serem questionados sobre a ferramenta tecnológica e suas intimidades com a mesma, houve uma boa aceitação em inserir a ferramenta como auxiliar ao trabalho do professor, “*percebendo-a como um da ferramenta para abrir mundos*”, porém reconhecessem a necessidade em conhecer melhor este novo mecanismo de aula para falar com propriedade , evitando assim os modismos educacionais pelos quais a educação vem passando através dos tempos.

Acreditam os professores pesquisados, que a tecnologia poderá ser uma via a despertar na sociedade uma maior valorização ao trabalho do professor, o qual poderá modernizar-se e falar a linguagem do momento, atraindo os estuantes, estimulando e desta feita saindo da mesmice em que a educação se encontra. Colocam os entrevistados que “*Mais participação com a*

*tecnologia, que também ajuda os alunos a concentrar-se na tarefa e aumenta a frequência escolar.” ou “Sempre vi a tecnologia como um aliado importante na aprendizagem , já que estamos na era conhecida como Digital, mais preciso realizar cursos na área.*

Este reconhecimento faz com que geralmente o professor procure formas de atualizar-se para falar a língua do estudante, não se deixando oferecer práticas retrógradas, já passadas pelo tempo, que não só desestimulam, mas afastam os estudantes da escola e do ensino.

Ao falar de si, seu percurso e provisoriedade pedagógica, os professores se interpretam a partir da necessidade de que seu crescimento não pode ser algo estático, movidos que devem ser a partir de uma profissão dialética reconhecendo que a via da pesquisa, descoberta e novas aprendizagens devem ser uma constante com seu trabalho que lida com mentes em crescimento e possuem uma maior facilidade de integrar-se ao mundo através dos recursos tecnológicos.

E é baseado nesta inconstância social, que os entrevistados valorizam a necessidade de formações para ampliar o universo de conhecimento do professor alegando que, *“É necessário que nós professores consigamos enxergar as formações continuadas com importância.”* Entende-se aqui ser esta proposta articulada ao momento atual que exige um refazimento do professor e uma disponibilidade maior para estar em sala de aula, colocando o seu eu profissional a mostra.

O professor ao falar de si , também chama atenção dos pais alegando *“que os pais possam ajudar a compreender as dificuldades de seu filho e não colocar a responsabilidade na escola , que as crianças tenham educação para falar com a professora ( crianças ricas de escolas grandes não tem modos de falar )* essa colocação se apoia na crença de que a escola não caminha sozinha sem a família para estar num sentido paralelo ao trabalho do professor muito há de se perder como o trabalho, e entendedores que são os estudantes de que determinadas cobranças são peculiares a família e não dos auspícios da escola, tendem a perpetuar comportamentos errados por saberem do descaso da família com a escola, por isso solicitam os entrevistados que *“É necessário para que a família possa contribuir com a escola de forma frequente’* ou seja assumindo seus papéis

E estes educadores conscientes que são demonstrado em seu discurso de que *“enfrentar uma carreira que hoje é tão desvalorizada”,* conforme deixou vir a tona nas colocações de um dos entrevistados, os desenganos deles podem promover a desistência do professorado ao colocar também que *“atualmente*

*é difícil ser professor no mundo em que vivemos, damos o nosso melhor, aprendemos, relevamos comentários, aceitamos críticas construtivas, fazemos de tudo para ser não somente um professor, mas ser O PROFESSOR. Somos educadores de pessoas e estamos sempre em constantes mudanças.” Neste processo de mutabilidade está também a forma de encarar a profissão com necessidades de que “É essencial que o profissional seja qualificado para que possa trabalhar em um ambiente que saiba lidar com o próximo. Significando que o poder de defesa e argumentos devem ser colocados, propondo uma postura justa e confortável em situações adversas, sabendo que nos momentos atuais, o professor tem uma imagem de inferioridade diante dos pais ou responsáveis, que sempre colocam os filhos como clientes e não como estudantes. Impor respeito a profissão é fundamental.” com o compromisso que é implícito, mas a prática demonstra a afinidade do professor com a profissão que desempenha.*

Os entrevistados defenderam que *“os professores hoje em dia não são muito valorizados na sociedade, em que o educar vai mais além do que as pessoas imaginam, a educação é um mundo amplo”,* mas para que as famílias cheguem nesta consciência é preciso acompanhar o trabalho do professoro e o processo de crescimento dos filhos, para entender as modificações e evoluções em todos os âmbitos e isto muitos não fazem, apenas veem nas escolas um espaço para colocar os filhos com a nobre missão de pagar no caso das particulares e nas publicas ter um local para deixar os filhos para poder descansar, raras são as famílias que acompanham o crescimento das crianças.

As aulas remotas oportunizaram ao professor um redescobrir-se na profissão pelos novos mecanismos para estar em sala de aula, o qual necessitou muita arte, envolvimento, criatividade, estudos e pesquisas. Variantes fizeram do docente um sujeito de reflexões perenes pelos desafios impostos aos novos mestres conforme colocado que *“Amo a educação, e com esse momento que estamos vivendo de pandemia se torna um grande desafio. Pois tive grande experiência em aula remota. Entramos na casa de cada aluno e sempre buscando está em comunicação com todo para o ensino fluísse”,* desta forma questionamos em como o educador poderá elaborar aulas remotas sem afinidade com o ensino, sem a empatia com o trabalho docente, fica assim uma incógnita da continuidade ou não de um profissional que não se identifica com a docência em permanecer na profissão.

A capa de amorosidade está sempre presente na figura de um mestre que trabalha sob a consciência de que não é apenas o trabalho intelectual de que é revestido o professor, conforme declara o futuro profissional que “

*a profissão do pedagogo é muito nobre para todo o mundo educacional. Só precisa ser vista com um olhar diferente e amoroso, pois todas as outras profissões antes de tudo passa pelo pedagogo, que tanto se esforça e tem se esforçado para dar o seu melhor, consciente de que “o fundamento de toda educação o amor”.* A afetividade deve ser entendida enquanto ferramenta no processo educativo, influenciando de forma direta no cognitivo do educando e contribuindo para uma aprendizagem de qualidade.

Queixam-se os professores há muito sobre a valorização a profissão docente, o que sabemos ser este fato histórico, contudo neste período pandêmico muitas descobertas foram feitas pelos educadores no sentido de uma precisa valorização da profissão docente, ao colocarem que *“E com está pandemia ficou mais evidente a importância desse profissional.”* pelo fato dos pais assumirem a função e pelo acompanhamento necessário ao filho através das aulas remotas. Não queremos aqui julgar o desempenho dos pais neste percurso pedagógico, pois sabemos que eles não foram formados para tal e muitos não possuem aptidão para função e por isso, os problemas foram muitos, tantos, transformados em descasos, trancamentos de matrículas, faltas dos estudantes, dentre outros por conta de um acompanhamento que era cobrado pela escola para que as aulas remotas pudessem fluir e muitos pais não conseguiam ou não se dispunham a fazer.

De certo, em escolas públicas, onde os recursos são mais escassos, os estudantes passaram por diversas situações que impediram a evolução dos processos educativos, para tanto promoveu uma certa exaustão dos professores comprometidos e na esperança de que os danos com a educação remota fosse minimizada, pois a utilização do Whatzapp era a sua única ferramenta para chegar até o estudante, e mediante o estado de ansiedade e tensão colocam os entrevistados que *“Essa formação e experiência tem me trazido aprendizados e vivências desafiadoras a cada dia, sendo que me traz a satisfação em atuar na profissão, com a expectativa de formar cidadãos atuantes nesta sociedade que muda constantemente e exige muito de nós”.* Portanto as estratégias didáticas para atrair este estudante de escola pública, evitando as desistências foram e estão sendo muitas, os educadores utilizam todos os esforços para conseguir tal feito. Contudo, neste caso específico de alunos de instituição pública, a ferramenta é o que mais preocupa os professores, tendo em vista que em muitas famílias existe apenas um telefone para atender a 3 ou 4 crianças, ou a saída da mãe para o trabalho com o único celular da casa impedindo o andamento das aulas e mesmo reconhecendo este limite que não é do professor, mas das famílias, Hypólito (1999, p.81) nos

chama a tenção para o olhar que as forças políticas possuem em relação a profissionalização do professor, que vem atacando este fazer pedagógico (...) quase sempre para responsabilizar professores e professoras pelas mazelas da educação”, eximindo-se assim de sua parcela de responsabilidade.

Trabalham os educadores não só com a deficiência de aprendizagem, mas com um modelo de exclusão social tendo em vista que, o alunos das escolas privadas não passam por tal problema, e isto vai cada vez mais distanciando e apartando o estudante de escola pública de uma educação igualitária e a dualidade nos processos educativos vão se perpetuando através dos tempos.

O momento pandêmico está e ainda fará muitos estragos com a educação, pois ela passou a ser seletiva na vida de muitos, como também passou a exigir grandemente dos professores, estivessem estes acomodados ou não, salientando que esta “acomodação” é uma questão de ponto de vista, a partir do momento em que entendemos serem os professores muitas vezes um profissional que trabalha os três horários para garantir seus sustento, por conta dos baixos salários, então nos questionamos a respeito do tempo e o que sobra deste salário para ser gasto com aperfeiçoamentos e atualizações. Conscientes deste fato é que os entrevistados fazem seus apelos aos governantes, *“Que os governantes venha ter um olhar mais para formação continuada dos professores criando meio para que eles não venha estacionar mais progredir e avançar como profissional.”* Isto nos remete a uma compreensão de que para tantos, o compromisso é a palavra que define o professor que se pretende ser um aliado ao crescimento do estudante, e que não desmerece a profissão assumida, considerando-a o que para tantos se reduz a um bico, enquanto espera coisa melhor para fazer, para tanto coloca Cunha (1999, p.127) que “a crise que assola a educação formal tem profundas repercussões na definição do papel docente, em sua conformação e expectativas” e é a esperança por melhores dias para docência que acalenta tantas vezes o trabalho docente.

Nesta expectativa deve transitar a docência, preparar esta criança para conquistar seu espaço socialmente e isto se faz com educação com a transmutação de pensamento, o descortinar de situações e a análise interpretativa dos fatos, com vias a ser retirada a venda da ilusão e do pensamento ingênuo, para que isto se concretize necessitamos caminhar lado a lado com educadores comprometidos que fazem da docência o seu compromisso de vida, entendendo que lida com cabeças pensantes carentes de estímulos para conduzir-se na conquista de seus sonhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a docência sob a perspectiva de que basta ao professor ter conhecimento do que será lecionado é negar o trabalho do professor na sua essência e torná-lo um prático, desprovido das especificidades do seu trabalho. Isto porque professor lida com gente e estes se encontram em constante mutação movidos que são pelas influências do meio, da tecnologia, das multi informações que são geradas em todos os momentos e âmbitos de suas vidas.

Ser professor é assumir múltiplas funções hoje cobradas ao seu fazer docente, pois não temos mais professores que ministram aulas apenas, mas que se envolvem com o crescimento do alunado exercitando um papel antes não aliado a sua função. O aluno passa a ser entendido como um complexo de emoções e cultura e seus saberes prévios não podem ser negligenciados, mas aproveitados e ampliados em sala de aula.

A proposta do novo professor não se alia apenas ao ensino, mas faz com que o estudante entre na escola e goste de estar neste espaço, é trabalhar com a adversidade, entendendo o estudante como o construtor de seu protagonismo para que possa pensar por si e emitir juízos de valores coerentes com a necessidade do seu momento de vida.

Estar na profissão é emaranhar-se com a necessidade de estar se repaginando para oferecer uma prática coerente com os anseios do novo aluno, e para isso é fundamental a disponibilidade para mudança e o desvencilhamento de antigos paradigmas inerentes a formação.

Resistir em velhas propostas pedagógicas é enfrentar a insatisfação dos que estão além de um tempo em que pensamentos e conceitos eram formas engessadas e desprovidas de múltiplas opiniões, pois a flexibilidade de pensamentos que povoa o nosso momento histórico não permite ao professor pensar sob um único prisma, mas abrir um leque de possibilidades e caminhos reacendendo a chama de que a diferença é o que mobiliza o crescimento, e a percepção de situações, e que o aluno é único e suas influências externas são os agentes mobilizadores de seus conceitos, devendo serem portanto respeitados por trazerem não só uma carga de tradição familiar como histórica.

Desenganos e desestímulos irão perpassar na figura do educador que respeita seu trabalho e acredita na força da educação para mudar destinos e transformar a vida de muitos, pois acreditamos que a educação é o único



caminho e quando a sociedade, a política e seu governantes acreditarem nisso muitas chances teremos de transformar o mundo num espaço melhor.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel de. **Profissionalização docente**: contradições e perspectivas. In:VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CUNHA, Maria Izabel da Cunha(orgs). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, Sp:Papirus,1999.p-p-127-148(Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.).

HYPÓLITO,Álvaro Moreira.Trabalho docente e profissionalização:sonho prometido ou sonho negado. In:VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CUNHA, Maria Izabel da Cunha(orgs). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, Sp:Papirus,1999.p-p-81-100(Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.).

LOPES,Luiz Paulo da Moita. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas,Sp: Mercado de Letras,2002(coleção Letramento, Educação e Sociedade.)

MORIN, Edgar.Os sete saberes necessários à educação do futuro.5ª ED .São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no brasil**. Campinas, SP: Autores associados, 2004.(coleção educação contemporânea.).

SÉRON, Antônio Guerrero. Professorado, educação e sociedade: enfoques teóricos e estudos empíricos em sociologia do professorado. In:VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CUNHA, Maria Izabel da Cunha(orgs). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, Sp:Papirus,1999.p-p-31-65. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Formação de professores e os programas especiais de complementação pedagógica. In:VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CUNHA, Maria Izabel da Cunha(orgs). **Desmistificando a profissionalização**

**do magistério.** Campinas, Sp:Papirus,1999.p-p-173-196. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

VILLA, Fernando Gil. **Crise do professorado:** uma análise crítica. Campinas - SP: Papirus,1998. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).